

Resenha

FREYNE, Sean. *Jesus, um Judeu da Galiléia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.

Daniel Brasil Justi¹

<http://lattes.cnpq.br/2597339147062189>

I. A presente obra, traduzida para o português no ano de 2008, foi publicada, originalmente, em 2004 com o título: *Jesus, a Jewish Galilean: a new reading of the Jesus-story*. O exemplar em língua portuguesa é editado pela Paulus Editora e faz parte de uma coleção intitulada “Bíblia e Sociologia” que prima por publicações periódicas que tratam de temas bíblicos relacionando-os à abordagens interdisciplinares das ciências humanas e sociais.

A coleção é reveladora da postura editorial, desta e de outras editoras brasileiras, que se propõem a publicar assuntos relacionados ao “mundo bíblico”, uma vez que os estudos bíblicos são entendidos à parte das ciências sociais e humanas precisando, assim, de coleções que integrem as duas áreas estanques.

É possível ainda situar essa publicação em um espectro maior de estudos relacionados à religião e cristianismo primitivo que, nos últimos anos, vem ganhando corpo no Brasil com o trabalho pioneiro de intelectuais laicos de universidades públicas (André Chevitarese - UFRJ, Pedro Paulo Funari - Unicamp, Gabriele Cornelli - UnB e outros) que se lançam à pesquisa sem amarras institucionais na busca de um discurso científico criterioso e razoável para se compreender as origens do cristianismo.

Situar essa publicação nesse contexto maior se justifica na medida em que os estudos laicos do tema geram uma demanda comercial não atrelada a convicções religiosas ou intenções proselitistas, quadro comum até então no mercado editorial brasileiro (católico, protestante ou espírita – os três mais fortes comercialmente falando), e que, por um lado motiva intelectuais comprometidos com a pesquisa laica em publicar e buscar material de qualidade no mercado e, por outro lado, as confissões religiosas buscam inserção no mercado com fins lucrativos e prosélitos.

II. Sean Freyne é diretor do Programa Conjunto de Estudos sobre o Mediterrâneo e o Oriente Médio no Trinity College, em Dublin – Irlanda – onde ocupa a cátedra de Teologia do Programa de estudos em Religiões e Teologia. Participa em muitos

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Batista de Teologia do Rio de Janeiro sob orientação do Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro. Graduando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação do Dr. André Leonardo Chevitarese. Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro sob orientação do Dr. Isidoro Mazzarolo com o tema de pesquisa “O ambiente mágico do mediterrâneo antigo e interações com o Cristianismo Primitivo”. Membro pesquisador dos grupos do CNPq: Jesus Histórico e Sua recepção (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0202705S2ENV41>) e, ainda, do grupo: História, Memória e Literatura Bíblica (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0111705MV7GOX9>). A pesquisa e o presente trabalho contam com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Site pessoal: www.magiaecristianismo.blogspot.com.

programas televisivos que discutem o tema da pesquisa relacionada ao Jesus Histórico e tem outras obras já publicadas em língua portuguesa.

O contexto imediato da publicação desse trabalho tem relação com três eventos onde Freyne expôs suas idéias acerca dos estudos relacionados à Galiléia: *Gunning lectures* (Universidade de Edimburgo – 1998), *J. J. Thiessen lectures* (Universidade Menonita de Winnipeg, Canadá – 2002) e *Manson Lecture* (Universidade de Manchester – 2003).

Sem dúvida trata-se de um pesquisador consistente em seus trabalhos e atento ao diálogo acadêmico, fato que se observa ao longo de seu texto por constantes referências a estudos clássicos e atuais dos diversos temas que se propõe ao debate.

O texto é rico em informações bibliográficas e intensos debates historiográficos que o autor não se furta a realizar quando o tema em questão o provoca a se posicionar criticamente frente às conclusões de sua pesquisa. O ponto alto desses debates ao longo do livro são as ácidas críticas que faz ao *Jesus Seminar* e as discordâncias que apresenta com relação a Richard Horsley.

III. Permeado pela intenção de adotar uma “visão de longo alcance” a partir da perspectiva das escrituras hebraicas (o autor é claramente um apologeta ao método de entender Jesus em continuidade com o Judaísmo – mas não se reduz somente a isso) o texto de Freyne é organizado em três momentos distintos, perceptíveis apenas se lidos atentamente. O primeiro momento se configura no *Prefácio* e primeiro capítulo – *Jesus, os Judeus e a Galiléia: Introduzindo as questões*. Nesse momento a preocupação metodológica é evidente em definir o objeto de estudo e a abordagem que o autor imprimirá em sua análise. Sua intenção é levada a cabo em um texto fluido, bem escrito e denso em informações. O leitor cuidadoso certamente encontrará fecundas discussões teóricas, um levantamento histórico da pesquisa sobre o Jesus Histórico e suas metodologias consistente e critérios bem claros e objetivos para que o autor se propõe nas páginas seguintes.

A segunda parte da obra compreende os capítulos 2 a 4, onde os aspectos da história de Jesus são considerados em suas linhas gerais dentro de um contexto Galileu. Para Freyne o segundo capítulo: *Jesus e a Ecologia da Galiléia* constitui novidade no estudo contemporâneo sobre o Jesus Histórico.

De fato, a postura, às vezes demasiada, em ler episódios do ministério de público de Jesus como preocupações diretas com a questão ecológica, constitui-se uma novidade, mas por vezes escapam ao que parece ser o sentido original da narrativa bíblica.

Nesse capítulo a intenção geral que se percebe parece ser muito mais elencar, a partir da Bíblia Hebraica, como a tradição judaica trata o tema da ecologia do que

propriamente estabelecer elos consistentes com a preocupação ecológica primária e fundamental revelada pelos escritos neo-testamentários quando se referem a Jesus. O que não se pode deixar de avaliar é a bela e consistente contribuição do trabalho de Freyne à questão ecológica na Bíblia.

Os capítulos 3 e 4 são organizados para dar sustentação fundamental para a tese de Freyne em vincular Jesus com as tradições hebraicas. As *Histórias de conquista e povoamento* – capítulo 3 – e, *Sião Chama* – capítulo 4 – têm um triplo objetivo: entender a relação de Jesus com a *eleição de Israel*, situar, concretamente, Jesus em seu tempo e espaço – Galiléia – e, por fim, estabelecer as relações de Jesus com o *servo de YHWH* de Isaías.

Esses dois capítulos constituem-se o cerne da argumentação do autor em favor de um Jesus judeu e vinculado ao seu tempo e espaço específicos. Ao longo dos capítulos deve-se notar também o importante espaço que Freyne dedica a discussões acerca das Escrituras Hebraicas e a moderna pesquisa científica que busca tratar das origens de Israel. Fundamental é o debate acerca da Galiléia pós conquista Assíria, pois talvez seja esse o ponto nevrálgico para o desenrolar das pesquisas sobre o Jesus Histórico na modernidade e seus critérios, tópico que será discutido aqui, propositalmente, mais à frente e que aparece na primeira parte do livro de Freyne.

A terceira, e última, parte que aparece na organização da obra compreende os capítulos 5 e 6, onde a postura metodológica de Freyne em observar os aspectos históricos da vida de Jesus em relação com seu transfundo hebraico continuam, mas a ênfase recai em aspectos da vida de Jesus que o levaram ao seu fim, em Jerusalém.

O sexto capítulo, *Morte em Jerusalém*, além de acentuar o aspecto escatológico da auto-compreensão de Jesus e a continuidade que exerce em relação às expectativas judaicas em torno de um Messias, Freyne lança mão do critério de plausibilidade histórica de Gerd Theissen, detalhado no primeiro capítulo, para situar sua análise em um contexto galileu de significados a respeito das esperanças judaicas de restauração.

O quinto capítulo, talvez o mais interessante por tratar de respostas ou reações judaicas frente ao Império Romano, segue a mesma linha de percepção ampla do contexto galileu e tende a uma análise do comportamento de Jesus e das comunidades em termos de uma esperança escatológica e o uso de recursos simbólicos para a realidade que será plenamente realizada no Reino de Deus, entendido não como algo terreno, mas essencialmente escatológico, vindouro.

Finalizando a obra, o Epílogo – *O retorno à Galiléia* – reafirma a opção metodológica do autor ao longo de todo o texto em ler a história de Jesus a partir do critério de *plausibilidade* enunciado por Gerd Theissen. Freyne é categórico em dizer que somente a partir desse critério “pode ser o caminho mais seguro para explorar a

importância continuada do galileu Jesus para o cristianismo primitivo em todas as suas manifestações” (p.166).

IV. É justamente esse aspecto que convém detalhar e destacar com mais precisão ao se debruçar na análise dessa obra de Sean Freyne, o critério. É notório para o público acadêmico que acompanha as pesquisas do Jesus Histórico e, também, para o público leigo que da mesma forma se interessa pelo tema, que a multiplicidade de critérios e escolhas metodológicas produz o mais variado espectro teórico de obras produzidas com fins de se “encontrar” o Jesus da História.

O autor irlandês se insere nesse espectro plural – por isso, importante e prazeroso, pela pluralidade – ao optar metodologicamente pelo critério enunciado por Gerd Theissen, já citado e, a partir de agora, mais detalhado. Antes, porém, convém perceber que caminho analítico o autor percorre para concluir com a relevância do critério de Theissen.

De imediato, Freyne identifica três momentos da pesquisa moderna a respeito do Jesus Histórico, a saber: i) Publicação do “Vidas de Jesus”, no século XIX, de orientação liberal; ii) “The Quest of the Historical Jesus” de Albert Schweitzer, em 1968 e a “New Quest” iniciada por Rudolf Bultmann; e, por fim, iii) Third Quest – Jesus Seminar a partir de 1990, onde o traço distintivo é o interesse pelos aspectos sociais em detrimento dos religiosos da vida de Jesus, indicando, assim, uma secularização dos estudos.

Após o breve e resumido histórico da pesquisa a respeito do Jesus Histórico, Freyne estabelece 4 momentos em que sua metodologia ganhará contornos: a) a natureza das fontes primárias – os Evangelhos; b) vinculação de Jesus ao seu local de origem, a saber, a Galiléia; c) o papel da arqueologia na pesquisa; e, por fim, d) a definição do estudo que inicia.

Ao discutir a questão dos evangelhos, o autor usa algumas páginas para situar historiograficamente o problema e, após isso, estabelecer sua principal crítica à pesquisa moderna relacionada ao estudo do Jesus Histórico:

“fazemos ainda pouca justiça às intenções dos evangelistas quando não levamos a sério esta tendência historicizante do trabalho deles. Hoje, seus relatos são descartados muito precipitadamente como ‘posteriores’ e ‘não confiáveis’ em troca de uma narrativa muito diversa de nossa própria autoria, e que com frequência tem muito pouco a ver com situações da vida real na Galiléia do século I” (p. 5-6).

Além das considerações da terceira parte, quando discute aspectos arqueológicos promovendo uma pertinente intersecção da história social e arqueologia de um camponês galileu – Jesus, a vinculação deste com seu contexto galileu ocupa lugar central para compreender a proposta analítica de Freyne.

Valendo-se das proposições de Halvor Moxnes no que diz respeito ao estudo da identidade de Jesus combinando elementos vivenciais relativos a tempo e espaço, Freyne observa que o conceito de tempo e progresso é sinônimo em um mundo global regido pelo capitalismo e, por isso, a pessoa bem-sucedida é vista como cidadão do mundo, não vinculado a nenhum lugar.

Essa perda de sentido de lugar típico da modernidade imersa na cultura de mercado despreza a importância do lugar de onde uma pessoa desempenha seu papel de agente humano. Não é por acaso, segundo Moxnes, que o interesse por fixar Jesus em seu próprio lugar tenha surgido em contextos terceiro-mundistas, onde, com frequência, as pessoas são vítimas da exploração econômica do Ocidente.

Retomar então essa noção de sentido de lugar faz com que Freyne perceba que a região da Galiléia tem sido construída de diversas maneiras por diversos grupos de interesse nos últimos 200 anos. Essa pluralidade remete o autor ao historiador das religiões Jonathan Z. Smith: “os seres humanos não estão simplesmente num lugar; são eles que o produzem”. (p.8-9).

Uma vez entendido que os seres humanos *produzem* o lugar onde estão o autor traça um importante quadro da pesquisa do Jesus Histórico em 4 etapas diferentes, não que a intenção seja taxonômica, mas apenas um percurso histórico de eventos relacionados à pesquisa (Freyne não os divide e nem os intitula claramente no texto):

i) esforço para retirar Jesus do judaísmo. É assim que operam estudiosos do século de XIX em suas pesquisas como a obra de Ernest Renan – *Vie de Jesus* – de 1863 onde o objetivo é denegrir o judaísmo e retratar a Galiléia, em contraste com Jerusalém, como uma região mestiça e a que produziu o cristianismo. Jerusalém é o lar daquele judaísmo obstinado, segundo Renan. Suas idéias encontram sustentação em dois eixos: um deles é o motivo pelo qual seus estudos começaram, ou seja, pelo patrocínio do governo francês a fim de mapear a Fenícia, atual Líbano – claramente intenções colonialistas. Outro fator se encontra na tese do estudioso alemão David Friedrich Stauss, que refletia um pensamento etnográfico comum no século XIX de supor a conexão causal entre a geografia e o caráter dos habitantes de uma região.

ii) esforço para trazer Jesus de volta ao judaísmo. Em contraste com a tentativa anterior de Stauss e Renan que atacavam os judeus por se recusarem a adotar valores iluministas, o que aconteceu com maior vigor após a Revolução Francesa, um grupo de estudiosos judeus se lançou aos métodos críticos do Iluminismo no estudo do seu próprio passado, foi o *Wissenschaft des Judentums* (Ciência para o Estudo do Judaísmo) com objetivos críticos e apologéticos. Sua intenção era simples: explicar as origens do movimento cristão sem denegrir o judaísmo. Porém, situar espacialmente esse Jesus judeu e associá-lo ao judaísmo eram imperativos, assim, por ter sido o centro das origens do judaísmo rabínico no período posterior a 135 da era comum, a Galiléia ganhou

espaço central. Dessa forma, era inevitável que a Galiléia ganhasse uma imagem muito diferente daquela dos estudos de Renan e Strauss.

iii) Exceções. Susannah Heschel aponta que na América do Norte (de certa forma substituta da Alemanha como matriz da “indústria” da pesquisa) as pesquisas dão continuidade à tendência daquela iniciada na Alemanha do século XIX. As exceções que estudam a vinculação de Jesus ao Judaísmo, sem denegrir qualquer dos movimentos, ficariam por conta de E. P. Sanders (representa uma mudança de paradigma nos estudos do Novo Testamento com relação ao mundo judaico em torno de Jesus e do Cristianismo Primitivo) e Bruce Chilton (explora os *Targumim*). Vozes dissonantes essas logo ofuscadas pelo *Jesus Seminar* e seu uso deliberado dos meios de comunicação de massa para popularizar seu trabalho sobre o Jesus Histórico.

iv) A questão dos critérios. Freyne aponta para o que considera ser a questão fundamental para a indisposição acadêmica em aceitar Jesus como judeu: os critérios. Para o autor, a “nova busca” pelo Jesus Histórico de meados do século XX, inaugurou uma sede de se formular critérios objetivos para reconstruir tradições sobre Jesus que sejam inquestionavelmente sólidas se notabilizando pelo princípio da dessemelhança, ou seja, “o caráter único de Jesus não deve ser encontrado no que ele compartilha com seus contemporâneos, mas, antes, naquilo em que difere deles” (p. 11). Partindo desse critério o adjetivo “único” atribuído a Jesus em suas realizações adquiriu um caráter teológico perigoso que o colocava em oposição à sua herança judaica interpretando o cristianismo como algo que ultrapassou um judaísmo desacreditado e atrasado.

Para Freyne o fundamental e digno de destaque nos estudos relacionados ao Jesus Histórico nos anos 1980-2000 é a proposta metodológica de Gerd Theissen, professor de Novo Testamento da Universidade de Heidleberg, pois ao invés do critério da dessemelhança prefere-se o da *plausibilidade histórica*. A formulação desse critério busca dois objetivos: 1º) “construir pontes entre o entendimento e a formulação que o próprio Jesus tinha de sua missão, e aquele que se ergueu em seu nome”; e, 2º) “fixar Jesus com toda firmeza no ambiente cultural (no contexto) dos seguidores da sua religião, os judeus” (p. 12). Com a formulação desse critério, segundo Freyne, Theissen abre caminho para a fixação do estudo do Jesus Histórico no campo do judaísmo do Segundo Templo e a relação da pessoa de Jesus com a terra, os grupos e as tradições e mentalidades do judaísmo de sua época.

Uma vez enunciado o critério que entende ser adequado, Freyne estabelece três razões fundamentais para buscar uma compreensão do motivo pelo qual a academia tem rejeitado o cerne de sua análise nesse texto, ou seja, vincular Jesus com sua herança judaica. Para o argumento que Jesus era analfabeto e, por isso, não teria acesso à sua tradição judaica, os *Targumim* aparecem como fator decisivo na herança hebraica de Jesus.

Para o critério da *dessemelhança*, principal alvo de críticas de Freyene metodologicamente falando, o argumento é que essa escolha teórica afasta Jesus de seu contexto imediato, coloca em suspeita o caráter das fontes e o afasta de seu contexto imediato vivencial. E, por fim, a pesquisa sobre o Pentateuco e as tradições hebraicas, por muito tempo, estavam preocupadas com as origens de Israel, mas agora ganham novo fôlego à medida que um novo paradigma de entendimento surge, ou seja, a literatura e cosmovisão hebraicas como fruto de um projeto ideológico sulista (Jerusalém) principalmente no período pós exílio Babilônico e durante o domínio Persa.

Seja pela tentativa de explicar os rumos da pesquisa recente sobre o Jesus Histórico, por se ocupar detalhadamente na questão dos critérios ou por estabelecer relações entre Jesus e sua herança judaica (mesmo exagerando ao situar Jesus através das lentes sulistas/ ierosalumitanas - "servo de YHWH" isaiano - em não perceber os conflitos entre Norte e Sul) a obra de Sean Freyne constitui-se em um tratado fundamental para o estudioso do Jesus Histórico e boa parte dos estudos que se ocupa com as tradições hebraicas bíblicas refletidas no cânon cristão e para além dele.